



Região do Templo Mayor, na Cidade do México, próximo à praça histórica conhecida como zócalo

Fotos: Roberto de Oliveira/Folhapress

## CIDADE DO MÉXICO

# Capital tem 'cidades subterrâneas' que revelam sete séculos de história

Templos pré-colombianos ajudam a recontar passado da mais populosa metrópole americana

**Templo Mayor, no coração da cidade, é o melhor local para entender o impacto das descobertas**

SYLVIA COLOMBO  
ENVIADA ESPECIAL À CIDADE DO MÉXICO

Com 21 milhões de habitantes, a região metropolitana da Cidade do México é a mais populosa do hemisfério ocidental. O que boa parte dos viajantes pode não saber é que, sob as calçadas onde tantos caminham durante o dia, há uma longa história ainda não completamente desvendada.

Desde 1991, o Programa de Arqueologia Urbana investiga os vestígios de pré-colombianos que habitaram a região central da cidade e seus mais de sete séculos de história.

O perímetro sob observação, de cerca de 500 metros, compreende o zócalo, princi-

pal praça da capital, e as ruas ao redor —que constituíram a urbanização fundada em 1325 conhecida como México-Tenochtitlán.

No seu apogeu pré-hispânico, a cidade era a maior e mais imponente das Américas, com 200 mil habitantes. Segundo relatos da época, o centro administrativo e religioso tinha 78 edifícios.

O conquistador da região, o espanhol Hernán Cortés (1485-1547), que chegou em 1519, e os que vieram depois foram colocando as bases da administração da colônia exatamente sobre essa área —o que não foi destruído ou levado para a Espanha foi soterrado. Devagarzinho, porém, o passado tem vindo à tona.

O melhor local para ter uma ideia de como as descobertas vêm ajudando a recontar a história do México é o museu do Templo Mayor, recentemente reformado —e a poucos metros da Catedral e

do Palácio Nacional. Sua coleção, com peças que chegam a cada descoberta, conta hoje com 7.000 objetos.

Sua fundação deve-se a um acaso. Em 21 de fevereiro de 1978, funcionários da companhia de luz e eletricidade da cidade faziam obras em uma esquina do zócalo quando toparam com uma gigantesca escultura da deusa Coyolxauhqui. As escavações começaram imediatamente e foram surgindo outros objetos e estátuas que remontam ao período da fundação da cidade.

Aos poucos, foi possível ter uma ideia da importância do Templo Mayor. Os achados batiam com os relatos de Cortés, que davam conta dos prédios importantes que viu.

“Cortés, que por muito tempo foi só o vilão da história mexicana, com o tempo vem sendo revisto. A releitura de suas cartas e o estudo de sua trajetória mostram um aspecto humano antes menospre-

zado”, diz Christian Duverger, autor de “Cortés e Seu Duplo”, recém-lançado no Brasil.

## TEMPLOS DE SACRIFÍCIO

O Templo Mayor acompanhou a expansão do império Mexica. A cada conquista eram adicionadas camadas à construção inicial —que chegou a alcançar mais de 50 metros, com torres dedicadas aos deuses indígenas Huitzilopochtli, da guerra, e Tláloc, da chuva e agricultura.

Em 2000, descobriu-se um conjunto de oferendas num imóvel diante do templo, a casa das Ajaracas. Ao longo do século 19, nenhum de seus donos se deu conta do que havia no terreno. Na análise dos destroços deixados pelo grande terremoto de 1985 foram encontradas peças de adoração à deusa Tláloc.

Seis anos depois, foi achado outro imenso altar dos mexicas, em bom estado de preservação. É provável que as

tropas de Cortés o tenham destruído, assustados com sacrifícios humanos realizados ali.

A descoberta mais recente, de agosto passado, resgatou outro templo asteca. O altar de Tzompantli, de 13 metros de altura, foi encontrado junto a mais de 30 crânios humanos —provavelmente, vítimas de sacrifícios.

## AMOR E TRAIÇÃO

Outro recanto da capital que vale conhecer é a casa da Malinche, em Coyoacán (próximo à casa de Frida Kahlo). Apesar de boa parte das paredes serem de uma reconstrução do século 19, é possível “reviver” o casarão que, em 1527, teria abrigado a amante indígena de Cortés.

Diz-se que Malinche foi tradutora e auxiliar do conquistador, e muitos a têm como traidora dos indígenas. Sua figura deu origem a um mito explorado por autores como Octavio Paz e Carlos Fuentes.



Casa Azul, onde Frida Kahlo viveu e que hoje é um museu

## CORES DE frida

História, fotografia e arte fazem da casa onde viveu a artista um espaço para contemplar a vida

ROBERTO DE OLIVEIRA  
ENVIADO ESPECIAL À CIDADE DO MÉXICO

Território de casarões ajardinados, ruas largas com graciosos mercados e perfumados cafés, o bairro de Coyoacán parece fazer convergir todos os seus caminhos para um só ponto: a Casa Azul, a famosa morada da artista mexicana Frida Kahlo.

Para chegar até lá, vale a experiência de transitar pela diversidade de cores, cheiros e sabores oferecida nas inúmeras estações de metrô.

Na Cidade do México, as paradas vêm identificadas por figuras: uma formiga, uma parteira asteca ou um coiote.

Este último simboliza a estação Coyoacán, onde se deve saltar para, em seguida, circundar um bosque e continuar pelas vias sombreadas da região, marcada por um aconchegante ar provinciano.

Placas indicam o trajeto, mas qualquer morador se envaldece ao ensinar o percurso. Com um pátio central rodeado por quartos e uma fachada de estilo francês, a ve-

lha casa onde Frida nasceu, morou e morreu foi erguida pelo pai, Guillermo Kahlo.

Em todos os cantos da casa inscrevem-se as marcas particulares da artista: dos primeiros ensaios fotográficos a objetos pessoais, como trajes, livros e brinquedos.

As pernas resistem a seguir adiante quando topamos com as muletas usadas por Frida —aos 18 anos, ela sofreu um acidente de ônibus que lhe deixou sequelas e delinearia sua trajetória de vida.

Na cabeceira da cama, imagens de Lênin, Stálin e Mao nos fazem lembrar uma época em que o comunismo alimentava sonhos e esperanças como os de Frida Kahlo.

Na cozinha, as panelas de barro em que a artista exercitava seus dotes culinários. No estúdio, o cavalete que serviu de apoio para a criação de obras que correriam o mundo, um presente de Nelson Rockefeller. Quadros dispostos em sequência, entre os quais um retrato inacabado de Stálin, descrevem as diferentes fases da artista.

## TRÓTSKI E TEQUILA

É sobretudo na decoração do ambiente que se manifesta a admiração que Frida e o amante Diego Rivera, com quem manteve conturbado

relacionamento, devotavam à cultura de seus antepassados: nos cômodos do imóvel, distribuíram uma coleção de artefatos pré-hispânicos.

Historicamente identificada como um ponto de frenéticos encontros entre boêmios adormecidos pela tequila, pintores exaltados e políticos, como León Trótski, que também dividiu a cama com a artista, a residência ganhou nova serventia ao se transformar num dos lugares mais populares da Cidade do México.

Foi de Diego a iniciativa de transformar num museu a casa azul de número 247 na rua Londres. Em 1958, quatro anos após a morte daquela mulher que tanto desafiou as convenções sociais com seu comportamento explosivo e polêmico, a Casa Azul seria aberta à visitação pública.

Longe da perfeição, mas dona de uma autenticidade sedutora, Frida Kahlo (1907-1954) tinha múltiplos talentos. Do lado de fora do museu, diante das intermináveis filas de visitantes que esperam a vez de entrar, percebe-se que o culto à mexicana ainda há de levar muitas gerações àquele espaço alegremente pintado de azul.

O jornalista viajou a convite do IHG (InterContinental Hotels Group)